

# Sendo um cético absoluto<sup>1</sup>

**DAVID MILLER<sup>2</sup>**

(Universidade de Warwick, Inglaterra). *E-mail:* d.w.miller@warwick.ac.uk

Tradução de Júlio Fontana. *E-mail:* juliocesarfantana@yahoo.com.br

Os cientistas ficam naturalmente irritados quando filósofos anunciam que, além do fato marcante de que geralmente recebe atenção especial, a ciência contemporânea não tem direito à atenção especial. Um difundido anti-realismo ou enfoque relativista (existem muitas variantes) diz que embora a ciência realmente ofereça uma intrigante perspectiva sobre a natureza, é uma perspectiva dentre muitas; não uma perspectiva incorreta admitidamente, tampouco é, num sentido vivo, uma perspectiva correta – até mesmo falar em correção ou incorreção é não entender um profundo *insight* filosófico. Tudo que pode ser dito, segundo esses filósofos relativistas, é que a ciência tem tido imenso sucesso em atrair manchetes e que esse sucesso exige um explicação sociológica ou política. Confrontados com tal detração, cientistas contestam habitualmente que a ciência, diferente, por exemplo, da bruxaria, funciona.

Da parte deles, os filósofos podem se ressentir igualmente quando cientistas reivindicam para a ciência, e para o conhecimento científico, uma autoridade intelectual que por mais de 250 anos tem sido conhecida por ser logicamente indefensável. Eu fiz alusão aqui somente de passagem à doutrina que a ciência possui autoridade conclusiva ou irrepreensível. Poucos atualmente pensam assim. Mas, o que muitos defensores da ciência pensam é que a ciência chega às raias do indubitável. Os resultados da ciência não são incontestáveis, nisso concordam, mas aproximam-se disso; não são provados irrevogavelmente pela observação ou por experimentos – isso exige muito –, mas elas são esmagadoramente suportadas pela observação e pelo experimento. Teorias científicas, se sustentam, são justificadas em maior grau do que a maioria das outras crenças. Confrontada com tal reverência, filósofos

podem somente reiterar o argumento cético de David Hume (1711-1776) com o propósito de mostrar que as informações fornecidas pelo passado não fundamentam em nada a suposição de que um acontecimento em vez de outro virá a ocorrer no futuro. A ciência não oferece segurança. A ciência não tem autoridade.

Onde o relativista que despreza a ciência e o justificacionista que a glorifica estão propensos a concordar é na suposição de que o ceticismo e o relativismo chegam ao mesmo lugar: aquele que nega que a ciência é justificada, nega que ela pode dizer a verdade. Essa presunção de que a verdade genuína é impossível, ou insignificante, se ela não está adornada com uma medida de justificação, está exposta à censura cotidiana ‘Você não pode dizer isso!’ dito a alguém que acabou a dizer o que supostamente não pode ser dito. Esse tem sido o erro mais travesso na teoria do conhecimento desde Platão, essa presunção de que opiniões injustificadas são racionalmente sem valor; e, exceto pela mistura míope e desajeitada de ciência e tecnologia, é a principal fonte da maior parte do sentimento anti-científico e anti-racionalista. Neste ensaio tentarei reparar alguns dos danos do retorno da compreensão da ciência descrita no fundamental, a 65 anos atrás, na obra-prima de Karl Popper, *A Lógica da Pesquisa Científica*<sup>3</sup>. O falsificacionismo, ou racionalismo crítico de Popper, sua teoria de conjecturas e refutações, é corretamente celebrada por seu repúdio a indução e por sua iluminação do papel da imaginação no trabalho científico. O que é menos reconhecido é seu sucesso em combinar um ceticismo de forte senso com um realismo sensato.

É fácil ver porque a confusão de ceticismo com relativismo, ou de justificação com verdade, é racionalmente tão debilitante. Por um lado, esses que estão devidamente impressionados pelo argumento de Hume de que as teorias científicas e as previsões científicas não podem ser justificadas pela experiência, nem mesmo em parte, foram levados a concluir que a experiência desempenha somente um papel psicológico ou retórico. Por outro lado, aqueles que estão devidamente impressionados com o triunfo da ciência argumentam na direção contrária, concluindo que de alguma forma, ninguém sabe exatamente como, o argumento de Hume deve ser falacioso;

sua conclusão cética pode por conseguinte tranquilamente ser ignorada. Em ambos os casos a integridade da ciência como um empreendimento racional é drasticamente comprometido. Os relativistas depreciam a razão, e a substituem pela retórica; os anti-céticos censuram-na, e recorrem a *hybris*.

Nem todos os cientistas são realistas completos, em particular onde a interpretação da mecânica quântica está sendo considerada; mas poucos são relativistas. Entre os filósofos também, o relativismo atrai somente uma minoria, embora mais barulhenta. Racionalistas críticos, que abraçam o realismo e o ceticismo, formam um grupo ainda menor. A posição mais comum combina um franco realismo com um ambivalente justificacionismo que anseia pelo dia quando o ataque cético de Hume será meticulosamente flanqueado. Mas se você permite uma pequena simplificação na minha descrição, as atuais linhas de batalha foram abatidas como tenho as abatido: os realistas, os fieis defensores da ciência e da autoridade da ciência, dispostos contra os céticos, os *illuminati*, os pós-modernos.

Essa é precisamente como as linhas são desenhadas num livro que ganhou notoriedade nos últimos anos por uma diferente razão, *Imposturas Intelectuais*<sup>4</sup> pelos físicos Alan Sokal e Jean Bricmont. Em 1996 Sokal enfiou teóricos culturais por plantar, num importante periódico, um artigo-paródia<sup>5</sup> que ridicularizou a maneira pela qual alguns proeminentes intelectuais franceses dos últimos anos ornamentavam seus escritos com incompreensivas, e certamente incompreensíveis, passagens do atraente jargão científico, tomadas emprestadas principalmente da física teórica (teoria quântica, caos) e da matemática pura (topologia, lógica matemática). *Imposturas Intelectuais* fornece o pano de fundo para o pasquim de Sokal, explica muitos dos gracejos imprudentemente, e aproveita a oportunidade para dar um golpe em outros, não somente nos pós-modernos, que procuram derrubar a ciência do seu pedestal. Sokal e Bricmont ficam previsivelmente escandalizados com o relativismo. O que eles, juntamente com os distintos contribuidores para a coleção *A House Built on Sand*<sup>6</sup>, imperdoavelmente não compreendem é que nas suas posições com respeito ao ceticismo são os pós-modernos escandalosos que estão certos e os defensores da ciência que

estão errados.

O relativismo chega à recusa de um mundo objetivo sobre o qual enunciados verdadeiros e falsos podem ser feitos; não existe verdade absoluta, ainda que possa existir muitas “verdades relativas”. O ceticismo na sua forma mais simples recusa somente que conhecemos, no sentido de *conhecimento com certeza*, se um enunciado que fazemos é absolutamente verdadeiro ou falso. Nós nada sabemos com certeza, os antigos céticos argumentavam, porque a base do que é conhecido ela mesma precisa de base, e assim, nos envolvemos num regresso ao infinito de justificação. A esse ceticismo tradicional, Hume fez dois notáveis aditamentos. Ele notou que relatos de experiência, de observação e experimento, não justificam conclusivamente nenhuma predições sobre o futuro (ou, mais geralmente, sobre o não-percebido), ainda que eles se sustentem por estarem tão solidamente baseados para que não necessitem se justificar eles próprios. Esse é o ceticismo sobre a indução, o método que, Bacon ensinou, autoriza a inferência do conhecido ao desconhecido. A segunda descoberta de Hume foi que a mesma conclusão cética segue quando abandonamos o inalcançável sonho de uma justificação conclusiva e solicitamos somente que nossas opiniões podem ser sustentadas ou baseadas na experiência ou feitas prováveis. Os céticos modernos apreciam especialmente essa segunda descoberta de Hume, que não existe qualquer base firme, conclusiva ou inconclusiva, para qualquer coisa que conheçamos.

Sem aparentemente notar o lapso, Sokal e Bricmont vão de uma completamente correta demissão do relativismo para uma descarada oposição ao ceticismo – “descarada” porque, embora eles mencionem Hume muitas vezes, não fazem nenhum esforço para apontar as falhas lógicas do seu argumento. Como Bertrand Russell antes deles, associam um resolutivo ceticismo com insinceridade (enquanto que Hume, um psicologista mais perspicaz, compreendeu que insinceridade, ou pelo menos indolência, é o único remédio para o ceticismo). Eles resumem abruptamente (p. 68): “Nenhuma asserção sobre o mundo real pode ser sempre literalmente *provada*; mas [...] pode-se às vezes provar acima de qualquer dúvida *razoável*.” Hume negou

isso. Sokal e Bricmont não mostram onde, em seu juízo, esse argumento vai à deriva.

Minha própria opinião é que o argumento de Hume é discutível. (Seria inapropriado abordar esse delicado assunto aqui.) Isso não é conceder que a conclusão de Hume não está correta. Está correta. O ceticismo está correto. Isso por sua vez não é conceder nada ao relativismo. O ceticismo absoluto está correto. Nem faz o ceticismo, como tenho delineado aqui, uma recomendação da suspensão do juízo universal, a menos que se ligue a doutrina desastrosa de que toda opinião racional é opinião justificada. O cético equilibrado, o racionalista crítico, não duvida que exista uma verdade para ser alcançada, mas pensa que ela possa ser alcançada somente pela elaboração de uma afortunada conjectura. Se você julga que exista vida em alguma outra parte na galáxia, e eu julgo o oposto, então um de nós terá sucesso sobre uma parte da verdade. Que não existe base para pensar que eu falo a verdade, ou que você a fala, não implica que nenhum de nós a falamos.

Implacável, porém, é a lógica, mas é nesse momento que as pessoas racionais entrincheram-se. Pode ser seriamente sustentado que a ciência atualmente não é mais que uma série de afortunadas (e desafortunadas) conjecturas; conjecturas que não são melhores do que aquelas da ufologia, dianética, e disparate indecoroso similar? É importante entender porque isso não é o que é sustentado pelos racionalistas críticos. Hipóteses científicas são conjecturas, *sim*; essas conjecturas não avançam apoiadas pela observação ou experimentação, e não possuem mais direito sobre a nossa credulidade, do que possuem as (não-refutadas) extravagâncias dos pseudocientistas, novamente *sim*. Mas a ciência é mais do que a soma de suas hipóteses, suas observações, e seus experimentos. Do ponto de vista da racionalidade, a ciência é acima de tudo o seu método – essencialmente o método crítico de procura por erros. É a devoção fiel da ciência por esse método que faz a diferença. O que está errado com a pseudociência é a maneira pela qual controla suas hipóteses, nem normalmente são hipóteses elas mesmas (posto que, se elas são construídas para serem incontestáveis e irrefutáveis, então por serem não-contestadas e não-refutadas, permanecem indubitavelmente). Mas, apesar

de uma hipótese que sobreviva a toda a crítica lançada a ela seja preferencial aquela hipótese que cedeu, não a torna uma hipótese melhor sendo testada. Pode ter sido uma hipótese melhor no início, certamente, pode ser verdadeira. Hipóteses verdadeiras são o que buscamos.

Isso requereu o gênio de Popper para compreender que o que é central para a racionalidade é a crítica, não a justificação ou a prova; e para a racionalidade científica, a crítica empírica. Para salvar a ciência como um empreendimento racional, talvez o empreendimento racional *par excellence*, há portanto a necessidade de atribuir às hipóteses científicas bem-testadas segurança ou confiança que elas não possuem. Hipóteses científicas não são fidedignas ou seguras exceto no sentido de serem, em alguns casos, verdades; e elas não estão em nenhuma relação interessante baseadas na experiência.

Por que toda essa filosofia importa aos cientistas praticantes? Ela importa de diversas formas. Primeiro: se os cientistas deveriam cessar de enaltecer a racionalidade científica, em confrontação com a razão, então seriam menos numerosas as deserções dos desapontados para o irracionalismo. Segundo: os cientistas poderiam se tornar menos severos com seus colegas que fazem conjecturas que são interessantes, mas, falsas; a ciência sem dúvida mistura mal com cobiça e outras fraquezas humanas, porém, em resumo, a questão da fusão à frio, por exemplo, era, não obstante o título<sup>7</sup> de um trabalho, mais um exemplo esplêndido do método crítico intenso em ação. Terceiro: os cientistas poderiam mostrar grande desembaraço ao admitir a ignorância, uma feição nem sempre de vanguarda em tais episódios como o recente susto BSE na Grã-Bretanha. A ignorância não precisa ser mais vergonhosa do que a miséria ou a doença (embora, algumas vezes, todos são culpadas). Quarto: a suposição pública de que por serem realizados na ciência poderiam ser moderados, para que nós fossemos poupados de tais manchetes hilariantes como “Eles não sabem, você sabe”, oferecida no número do *The Guardian*<sup>8</sup> de 23 de fevereiro de 1999 como resultado do interesse público sobre alimentos geneticamente modificados. E quinto: poderíamos todos aprender a julgar melhor as forças e as limitações das abordagens científicas. Esses ganhos seriam não pequenas recompensas por sediar alguns dos pen-

samentos mais vivos da humanidade.

## Notas

1 Título original: “Being an Absolute Skeptic”, publicado em *Science* 284, 5420, 1999, pp. 1625f. e reimpresso como capítulo 6 do livro *Out of Error*.

2 Agradeço ao professor David Miller pela revisão dessa tradução e pela autorização da sua publicação. Também pela presteza com que se prontificou a retirar inúmeras dúvidas que eu mantinha sobre a filosofia popperiana.

3 POPPER, Karl. *A Lógica da Pesquisa Científica*, trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 12ª edição, 2006.

4 SOKAL, A.; BRICMONT, J. *Imposturas Intelectuais*, trad. Max Altman. Rio de Janeiro: Record, 3ª edição, 2006.

5 SOKAL, A. (1996) “Transgredindo as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica” em: *Social Text*, 46-47, pp. 217-252.

6 KOERTGE, N. (ed.). *A House Built on Sand: Exposing Postmodernist Myths about Science* (OUP, New York, 1999)

7 TAUBES, G. *Bad Science: The Short Life and Hard Times of Cold Fusion* (Random House, New York, 1993)

8 *The Guardian*, 23 de Fevereiro, 1999, p. 17.